unex | MED
FEIRA DE SANTANA • ITABUNA • VITÓRIA DA CONQUISTA • JEQUIÉ
GRADUAÇÃO EM MOVIMENTO
CIÊNCIAS MÉDICAS

IMPACTOS DO DOPING COGNITIVO NA SAÚDE MENTAL: benefícios percebidos x riscos reais

IMPACTS OF COGNITIVE DOPING ON MENTAL HEALTH: perceived benefits versus real risks

Isabella Gonçalves Matos[1]
Ana Júlia Borges Pereira[2]
Larissa Cristina Melo Bastos Leite[3]
Semíramis Gualberto Figueirêdo Rios[4]
Maria Edleuza Cabral Neta[5]
André Luiz Lisboa Cordeiro[6]

RESUMO

Medicamentos psicoestimulantes, como o metilfenidato, são substâncias controladas devido ao elevado potencial de abuso e dependência, e sua crescente disponibilidade e o uso sem indicação médica configuram um padrão de consumo indevido com possíveis repercussões clínicas e socioeconômicas. Este estudo descreveu e analisou os impactos do doping cognitivo na saúde mental, comparando os benefícios percebidos pelos usuários e os riscos associados ao uso de estimulantes cognitivos. Trata-se de uma revisão integrativa qualitativa da literatura, realizada nas bases LILACS, SciELO, BVS e PubMed entre outubro e novembro de 2025, que incluiu 8 artigos publicados nos últimos 10 anos, classificados quanto ao nível de evidência. Observou-se que o doping cognitivo promove benefícios subjetivos e de curta duração, como maior confiança e percepção de desempenho, sem evidências consistentes de melhora cognitiva objetiva. Em contrapartida, associa-se a riscos relevantes à saúde mental, como ansiedade, depressão e dependência, o que indica que os prejuízos podem superar os benefícios percebidos. Conclui-se que os benefícios são limitados e pouco consistentes, enquanto os riscos incluem maior suscetibilidade a transtornos mentais, dependência e prejuízos na regulação emocional, o que reforça a necessidade de estudos longitudinais e de pesquisas com populações brasileiras e latino-americanas.

[1] Bacharel em Farmácia pela UFS. Discente do curso de Medicina da UNEX MED.
[2] Discente do curso de Medicina da UNEX MED.
[3] Discente do curso de Medicina da UNEX MED.
[4] Bacharel em Fisioterapia pela UCSal. Discente do curso de Medicina da UNEX MED.
[5] Discente do curso de Medicina da UNEX MED.
[6] Docente da UNEX MED. Doutor pela BAHIANA.

PALAVRAS-CHAVE

Potencializadores Cognitivos. Estimulantes do Sistema Nervoso Central. Saúde Mental. Estresse Psicológico. Percepção de Risco.

ABSTRACT

Psychostimulant medications, such as methylphenidate, are controlled substances because of their high potential for abuse and dependence, and their growing availability and use without medical indication constitute a pattern of misuse with possible clinical and socioeconomic repercussions. This study described and analyzed the impacts of cognitive doping on mental health, comparing the benefits perceived by users with the risks associated with the use of cognitive stimulants. It is a qualitative integrative literature review carried out in the LILACS, SciELO, BVS and PubMed databases between October and November 2025, which included 8 articles published in the last 10 years, classified by level of evidence. Cognitive doping was found to promote subjective, short-term benefits, such as greater confidence and perceived performance, without consistent evidence of objective cognitive improvement. In contrast, it is associated with relevant mental health risks, including anxiety, depression and dependence, indicating that harms may outweigh perceived benefits. It is concluded that the benefits are limited and inconsistent, while the risks include greater susceptibility to mental disorders, dependence and impaired emotional regulation, which reinforces the need for longitudinal studies and research with Brazilian and Latin American populations.

KEYWORDS

Cognitive Enhancer. Central Nervous System Stimulants. Mental Health. Psychological Stress. Risk Perception.

1 INTRODUÇÃO

Os medicamentos psicoestimulantes, como o metilfenidato, amplamente prescritos para o tratamento de transtornos mentais em crianças, adolescentes e adultos, são classificados como substâncias controladas por agências reguladoras dos Estados Unidos e da União Europeia devido ao elevado potencial de abuso e dependência (D'ANGELO; SAVULICH; SAHAKIAN, 2017). O aumento da disponibilidade dessas medicações, aliado ao uso sem indicação e acompanhamento médico, configura um novo perfil de consumo indevido de substâncias, com possíveis repercussões clínicas e socioeconômicas (DRAZDOWSKI et al., 2022). Embora esse cenário já desperte preocupação entre autoridades sanitárias, ainda recebe atenção limitada no campo da saúde pública (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Entre estudantes universitários, a principal motivação para o uso não terapêutico de psicoestimulantes está associada à busca por melhora cognitiva e do desempenho acadêmico, sobretudo quanto à concentração, ao estado de alerta e à produtividade nos estudos (HASSUNUMA et al., 2024). Soma-se a isso a percepção equivocada de que medicamentos prescritos seriam mais seguros do que drogas ilícitas, o que favorece sua banalização (COMPTON; VOLKOW, 2006). O uso indevido de substâncias psicoativas ocorre com maior frequência entre indivíduos com transtornos mentais (SALAZAR et al., 2024); entretanto, parcela significativa dos usuários não tem diagnóstico psiquiátrico prévio, o que reforça o caráter instrumental e competitivo atribuído ao chamado "doping cognitivo" e levanta preocupações quanto aos seus impactos psicológicos (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Do ponto de vista epidemiológico, o fenômeno tem se expandido em escala global, sobretudo em contextos de alta exigência acadêmica. Estudos indicam prevalência entre 11% e 25% entre universitários nos Estados Unidos e no Canadá, e entre 1% e 20% em países europeus, com variações relacionadas ao tipo de substância, à motivação e ao padrão de uso (D'ANGELO; SAVULICH; SAHAKIAN, 2017). No Brasil, estudo com universitários evidencia o uso de metilfenidato para neuroaprimoramento farmacológico, o que configura um potencial problema emergente de saúde pública (CÂNDIDO et al., 2020). Apesar do aumento do uso, ainda há divergências na literatura quanto aos reais benefícios cognitivos e aos impactos na saúde mental (DRAZDOWSKI et al., 2022; XU et al., 2022).

Nesse panorama, investigar os impactos do doping cognitivo na saúde mental mostra-se fundamental. A prática pode associar-se a desenvolvimento de transtornos mentais, dependência psicológica e agravamento de vulnerabilidades emocionais em ambientes acadêmicos competitivos (SCHEPIS et al., 2020; XU et al., 2022). Além disso, compreender o perfil dos usuários, suas motivações e os riscos e benefícios percebidos é essencial para subsidiar estratégias preventivas, ações educativas, o aprimoramento da prática clínica e a formulação de políticas públicas voltadas ao uso seguro e responsável de psicoestimulantes (D'ANGELO; SAVULICH; SAHAKIAN, 2017). Portanto, o objetivo deste estudo foi descrever e analisar os impactos do doping cognitivo na saúde mental, comparando os benefícios

percebidos pelos usuários e os riscos reais associados ao uso de estimulantes cognitivos.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

2.1 Tipo de estudo

A revisão integrativa de literatura é um método amplo, que reúne, analisa e sintetiza resultados de estudos experimentais e não experimentais, com dados qualitativos e quantitativos, a fim de integrar o conhecimento disponível, construir novas perspectivas, definir conceitos, analisar teorias ou práticas e apontar lacunas que exigem novas investigações (HASSUNUMA et al., 2024; MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008). Por sua abrangência, possibilita uma síntese ampla do estado da arte, oferece subsídios para a tomada de decisão e apoia a melhoria da prática clínica, especialmente em áreas com grande volume de publicações. Neste estudo, adotou-se a revisão integrativa de abordagem qualitativa para analisar os impactos do doping cognitivo na saúde mental, comparando benefícios percebidos e riscos reais descritos na literatura.

A pesquisa seguiu as etapas de definição da questão norteadora, estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão, busca em bases científicas, seleção dos estudos, avaliação crítica, extração dos dados e síntese integrada dos achados, o que permite construir uma visão consolidada do tema e identificar lacunas relacionadas aos efeitos das substâncias estimulantes sob os pontos de vista clínico, social e psicológico (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

2.2 Bases de dados e descritores

Os descritores foram extraídos dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e dos Medical Subject Headings (MeSH), vocabulários controlados que padronizam a terminologia usada na indexação de artigos biomédicos e garantem consistência semântica na busca (NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE, 2026). Foram empregados os descritores "Cognitive Enhancer", "Central Nervous System Stimulants", "Mental Health", "Psychological Stress", "Risk Perception", "Health Behaviour" e "Motivation", e seus correspondentes em português, cruzados pelos operadores booleanos "AND" e "OR". A busca foi

realizada na Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), na Scientific Electronic Library Online (SciELO), na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e na National Library of Medicine (PubMed), entre outubro e novembro de 2025.

2.3 Critérios de elegibilidade

Foram incluídos estudos redigidos em português, inglês ou espanhol que abordassem o uso de substâncias estimulantes, a percepção de risco, o comportamento em saúde, a motivação ou desfechos psicológicos associados ao doping cognitivo. Foram excluídas as publicações anteriores a 2015, bem como monografias, dissertações, teses, notas prévias, editoriais, cartas ao editor, artigos incompletos ou sem acesso gratuito ao texto integral. Após a aplicação desses critérios e a remoção das duplicidades, obteve-se o conjunto final de artigos analisados.

2.4 Síntese e análise dos dados

Os dados foram organizados em planilha eletrônica, com registro de autores, ano de publicação, base consultada, país de origem, periódico, delineamento metodológico, principais resultados e nível de evidência. Para classificar o nível de evidência, adotou-se uma hierarquia fundamentada na robustez metodológica e na capacidade de controle de vieses, em níveis decrescentes: nível 1, revisões sistemáticas; nível 2, ensaios clínicos randomizados e/ou controlados; nível 3, estudos transversais e retrospectivos observacionais; e nível 4, revisões narrativas. Essa abordagem permitiu comparar os achados de forma estruturada, considerando o rigor metodológico de cada delineamento.

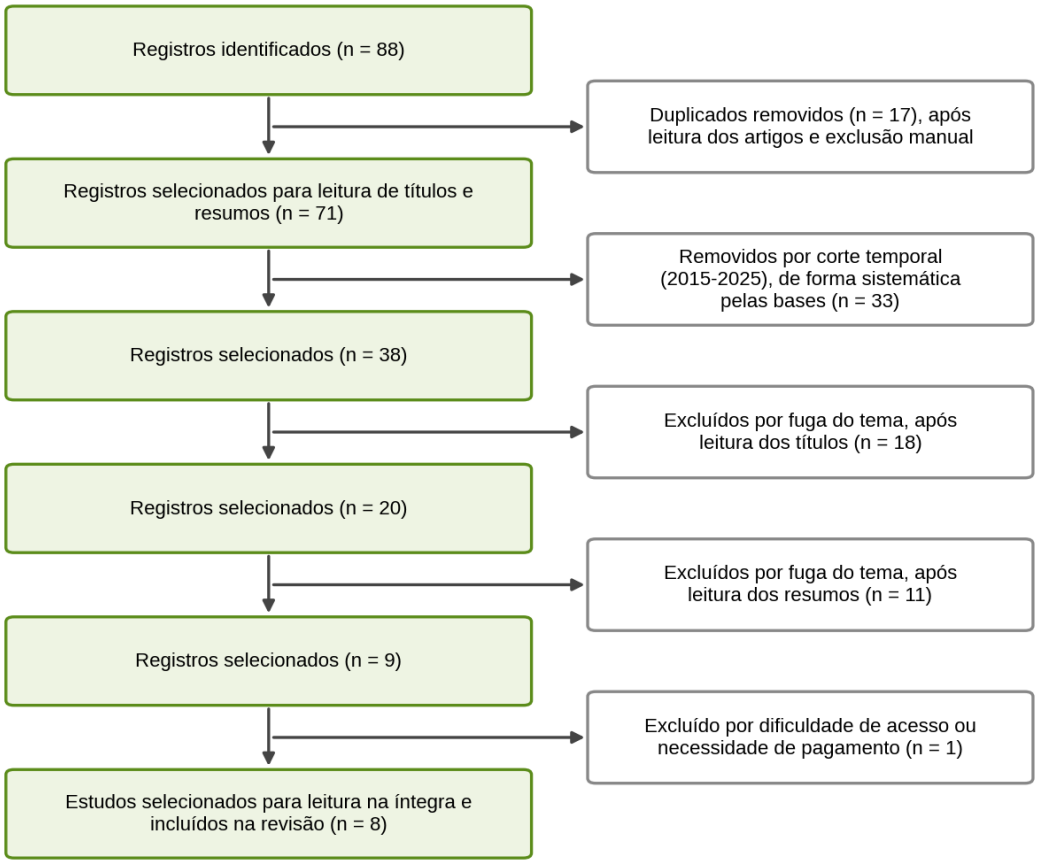
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Seleção dos estudos

A estratégia de busca identificou 88 artigos nas bases selecionadas, dos quais 17 foram excluídos manualmente por duplicidade, restando 71. O recorte temporal de 2015 a 2025 excluiu automaticamente 33 artigos, restando 38 para a leitura de títulos e resumos. Após a análise dos títulos, 18 artigos foram removidos por não se adequarem ao tema e, após a leitura dos resumos dos 20 restantes, outros 11 foram excluídos pelo mesmo motivo. Um dos 9 artigos

remanescentes foi excluído por dificuldade de acesso e necessidade de pagamento, e 8 artigos foram incluídos após a leitura completa (Figura 1).

Figura 1 – Fluxograma de seleção do material do estudo.



Fonte: Elaborado pelos autores.

3.2 Caracterização dos estudos incluídos

Os artigos foram publicados em periódicos de elevada relevância científica, especialmente nas áreas de farmacologia e psiquiatria, entre eles Journal of Psychopharmacology, British Journal of Pharmacology, Harm Reduction Journal, Substance Use & Misuse, The Journal of Clinical Psychiatry, BMC Psychiatry e Drug and Alcohol Dependence. Quanto à distribuição geográfica, predominaram estudos conduzidos nos Estados Unidos (5 publicações), com contribuições também do Reino Unido, do Canadá e da China, o que evidencia a diversidade internacional da produção científica.

Quanto aos níveis de evidência, não foram identificadas publicações de nível 1 (revisões sistemáticas); dois artigos foram classificados como nível 2, quatro como nível 3 e dois como nível 4, o que reflete a diversidade metodológica

do conjunto (Quadro 1). Os estudos abrangeram adolescentes, jovens adultos e adultos, tanto saudáveis quanto com histórico de uso de substâncias, e incluíram estudos experimentais controlados, investigações transversais de base populacional, análises retrospectivas, estudos de neuroimagem e revisões teóricas, o que demonstra a amplitude de abordagens para investigar o uso de estimulantes, suas motivações e seus impactos em desfechos acadêmicos, comportamentais e de saúde mental. O Quadro 2 sistematiza a amostra, os objetivos, o método e os principais achados.

Quadro 1 – Caracterização do material do estudo.

Título do artigo	Autores (ano)	Periódico	Delineamento	Nível
Effects of d-amphetamine upon psychosocial stress responses	Childs; Bershad; de Wit (2016)	Journal of Psychopharmacology	Ensaio clínico randomizado	2
Lifestyle use of drugs by healthy people for enhancing cognition, creativity, motivation and pleasure	d'Angelo; Savulich; Sahakian (2017)	British Journal of Pharmacology	Revisão narrativa	4
Mitigating risks of students use of study drugs through understanding motivations for use and applying harm reduction theory: a literature review	Abelman (2017)	Harm Reduction Journal	Revisão narrativa	4
Mental health, academic engagement, and youths' nonmedical use of stimulants: a latent profile analysis	Kogan et al. (2021)	Substance Use & Misuse	Estudo transversal	3
Motivations for prescription drug misuse related to mental health problems in adults	Drazdowski et al. (2022)	Substance Use & Misuse	Estudo transversal	3
Time-dependent affective disturbances in abstinent patients with methylphenidate use disorder	Xu et al. (2022)	BMC Psychiatry	Estudo transversal retrospectivo	3
Differences in prescription stimulant misuse motives across adolescents and young adults in the United States	Schepis et al. (2020)	The Journal of Clinical Psychiatry	Estudo transversal	3
Anticipation of monetary reward in amygdala, insula, caudate are predictors of pleasure sensitivity to d-amphetamine administration	Langenecker et al. (2020)	Drug and Alcohol Dependence	Ensaio clínico randomizado	2

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quadro 2 – Características gerais dos estudos incluídos.

Autores (ano) / país	Amostra	Objetivos	Método	Resultados
Childs; Bershad; de Wit (2016) EUA	56 voluntários saudáveis	Examinar o efeito da d-anfetamina nas respostas ao estresse psicossocial agudo, por meio da tarefa de falar em público.	Duas sessões (com estresse, pelo Trier Social Stress Test, e controle), com d-anfetamina (5 mg ou 10 mg) ou placebo.	A anfetamina afeta de forma diferente os componentes da resposta ao estresse: pode aumentar a percepção de autoeficácia sem atenuar as respostas emocionais ou fisiológicas diretas ao estresse.

Autores (ano) / país	Amostra	Objetivos	Método	Resultados
d'Angelo; Savulich; Sahakian (2017) Reino Unido	Estudantes universitários e profissionais saudáveis, expostos a alta demanda de desempenho	Resumir estudos sobre os efeitos de drogas de aprimoramento cognitivo e de novas substâncias psicoativas (NPS) em indivíduos saudáveis.	Síntese de evidências de estudos clínicos, metanálises e pesquisas epidemiológicas, principalmente sobre modafinil, metilfenidato, anfetaminas e NPS.	Os fármacos podem gerar melhoras cognitivas modestas e variáveis em pessoas saudáveis, usados sobretudo para aumentar a produtividade. Contudo, há incertezas sobre a segurança a longo prazo e implicações éticas.
Abelman (2017) Canadá	Estudantes do ensino superior (18 a 25 anos)	Buscar soluções eficazes para que as instituições de ensino melhorem os resultados dos estudantes que usam "drogas para estudo".	Avaliação de trabalhos teóricos, quantitativos e qualitativos, provenientes de revisões sistemáticas, estudos de coorte e avaliações epidemiológicas.	Fatores de risco para o uso: baixa autoeficácia percebida ou pouco prazer nas disciplinas, adaptação inadequada a necessidades especiais, dependência de validação externa, baixo desempenho acadêmico e problemas de saúde mental.
Kogan et al. (2021) EUA	584 estudantes adolescentes mais velhos	Análise de perfil latente para documentar subgrupos de usuários segundo saúde mental e envolvimento acadêmico.	Estudo transversal, representativo nacionalmente, com jovens islandeses que participaram de pesquisa nacional e relataram uso de estimulantes sem indicação médica ao longo da vida.	Três perfis: (I) bom desempenho acadêmico e boa saúde mental (43,1%); (II) baixo desempenho acadêmico e mais problemas de saúde mental (40,4%); (III) bom desempenho, mas altos níveis de ansiedade (16,5%).
Drazdowski et al. (2022) EUA	128.205 adultos	Investigar a associação entre as motivações para o uso indevido de medicamentos prescritos e problemas de saúde mental.	Dados nacionais (2016-2018); regressão logística por classe de fármaco, ajustada para dados demográficos.	O uso indevido de medicamentos prescritos teve maior chance de se associar a problemas de saúde mental. O uso indevido de opioides, tranquilizantes e sedativos associou-se a maior probabilidade de transtornos mentais; o de estimulantes para melhorar os estudos associou-se a menor probabilidade.
Xu et al. (2022) China	61 pacientes com transtorno por uso de metilfenidato (16 a 27 anos)	Avaliar os resultados clínicos de indivíduos com transtorno por uso de metilfenidato (MPHUD).	Estudo retrospectivo com pacientes em reabilitação em Pequim (2017-2019); histórico e motivação para o uso e monitoramento semanal de depressão, ansiedade e transtorno por uso de estimulantes.	A adolescência é o período de maior exposição ao metilfenidato, e um terço dos pacientes teve o primeiro contato por meio dos pais. A abstinência associou-se a sintomas graves de ansiedade e depressão, que melhoraram de forma significativa após quatro semanas de tratamento.
Schepis et al. (2020) EUA	102.088 adolescentes e jovens adultos (14 a 25 anos)	Analisar diferenças por idade nos motivos do uso de substâncias, a variação segundo escolaridade e a associação dos motivos com o transtorno por uso de substâncias (TUS) e com a saúde mental.	Motivos do uso por faixa etária; regressão logística para associação com escolaridade, uso de substâncias, diagnóstico de TUS (DSM-IV) e indicadores de saúde mental.	Jovens mais velhos usaram mais apenas para aprimoramento cognitivo; os mais novos relataram mais uso recreativo ou combinado. Universitários e pós-graduados tiveram maiores taxas de uso apenas para aprimoramento cognitivo. Motivos recreativos associaram-se mais a TUS e a piores desfechos de saúde mental, inclusive ideação suicida.
Langenecker et al. (2020) EUA	73 adultos jovens saudáveis (19 a 26 anos), sem histórico de dependência	Verificar se o prazer/euforia causado pela anfetamina se correlaciona com a ativação do sistema de recompensa cerebral na antecipação de recompensas monetárias.	Quatro sessões com d-anfetamina (20 mg) ou placebo, com relato dos efeitos; em outra sessão, ressonância magnética funcional durante tarefa de incentivo monetário.	A preferência pela anfetamina associou-se a maior ativação da amígdala e menor ativação da ínsula e do núcleo caudado na antecipação de recompensas, com correlação positiva com a amígdala em grandes recompensas e negativa com a ínsula esquerda em recompensas pequenas e grandes.

Fonte: Elaborado pelos autores.

3.3 Discussão

Observam-se benefícios subjetivos relatados com o uso de psicoestimulantes, como aumento da confiança e da autoeficácia e melhora da memória de trabalho e da vigília, particularmente com o metilfenidato (D'ANGELO; SAVULICH; SAHAKIAN, 2017). Contudo, esses efeitos parecem predominantemente perceptivos e de curta duração, e não se sustentam de forma consistente diante dos potenciais prejuízos.

Childs, Bershad e de Wit (2016) demonstraram que, embora a anfetamina mantenha a vigília, não reduz o estresse e pode sustentar níveis elevados de tensão e insegurança após estressores psicossociais, além de se associar a efeitos adversos como cefaleia, dor abdominal, fadiga e diminuição do apetite. De forma semelhante, em indivíduos privados de sono, o modafinil manteve a vigília, mas sem melhora significativa da atenção ou do estado de alerta, havendo ainda preocupações quanto ao uso em populações jovens, devido ao desenvolvimento cerebral em curso e ao potencial de abuso de estimulantes (D'ANGELO; SAVULICH; SAHAKIAN, 2017). O uso indiscriminado dessas substâncias relaciona-se a desfechos graves, como ideação suicida, overdose, psicose, ansiedade, depressão e dependência, o que indica que os riscos podem superar os benefícios percebidos (ABELMAN, 2017).

Quanto às motivações para o uso não terapêutico, a literatura destaca a busca por aprimoramento do desempenho acadêmico e profissional, especialmente para aumentar a concentração, manter o estado de alerta e atender a demandas de produtividade. Muitos usuários relatam usar essas substâncias para "ajudar nos estudos", o que caracteriza um padrão de autotratamento (KOGAN et al., 2021). Motivações dessa natureza diferem das recreativas e tendem a se associar a menor envolvimento em comportamentos de maior risco, embora permaneçam relacionadas a questões de saúde mental (DRAZDOWSKI et al., 2022). A identificação das motivações subjacentes ao uso é, portanto, relevante para a compreensão dos riscos e para a definição de estratégias de intervenção.

O metilfenidato é frequentemente percebido como potencializador cognitivo e, em muitos casos, é iniciado para ampliar a capacidade de estudo e aliviar a pressão competitiva e as demandas acadêmicas (XU et al., 2022). O motivo do uso indevido varia conforme a faixa etária: jovens adultos apoiam mais

razões de aprimoramento cognitivo e associam-se menos a motivos recreativos do que adolescentes, e universitários aderem mais a essas justificativas do que jovens adultos não estudantes (SCHEPIS et al., 2020). Esses achados reforçam que, no contexto acadêmico, a motivação para o consumo está ancorada na busca por desempenho e na adaptação às exigências educacionais (CÂNDIDO et al., 2020).

Os mecanismos envolvidos indicam que o uso não médico de psicoestimulantes está menos relacionado ao aprimoramento objetivo do desempenho acadêmico e mais à modulação de estados emocionais e motivacionais. Nesse sentido, Abelman (2017), ao discutir a Hipótese da Automedicação proposta por Edward J. Khantzian, argumenta que tais substâncias são frequentemente usadas para alcançar sensações de controle, confiança e alívio da sobrecarga, mais do que para promover ganhos cognitivos mensuráveis (ABELMAN, 2017; TRONNIER, 2015).

Do ponto de vista neurobiológico, a d-anfetamina atua sobre os sistemas dopaminérgico e noradrenérgico envolvidos nos circuitos de recompensa, e evidências de neuroimagem mostram que a ativação de estruturas como amígdala, ínsula, núcleo caudado e núcleo accumbens durante a antecipação de recompensa associa-se à sensibilidade ao prazer induzido pela substância (LANGENECKER et al., 2020). Além disso, esses fármacos não necessariamente reduzem o estresse e podem manter níveis elevados de tensão após estressores psicossociais (CHILDS; BERSHAD; DE WIT, 2016). Em conjunto, os achados reforçam que o risco de dependência emerge da interação entre motivação para automedicação, regulação emocional e sensibilidade individual ao sistema de recompensa.

O aumento do consumo não supervisionado de estimulantes tem sido associado a maiores taxas de desfechos adversos (KOGAN et al., 2021). Em revisão narrativa, Abelman (2017) reuniu autores que utilizaram glicose marcada radioativamente e demonstraram que, em indivíduos saudáveis, o uso de psicoestimulantes pode se relacionar à redução da eficiência do processamento cerebral. Em contraste, pacientes com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade apresentam melhora funcional quando tratados com doses terapêuticas, o que evidencia uma diferença fundamental entre o uso clínico e o não médico (MINZENBERG, 2012). Esses achados sugerem que, em indivíduos

sem indicação formal, tais substâncias podem ser não apenas ineficazes do ponto de vista cognitivo, mas também potencialmente prejudiciais, o que reforça a necessidade de cautela e regulação no seu uso (ABELMAN, 2017).

3.4 Limitações do estudo

Destacam-se o número reduzido de estudos elegíveis e a ausência de revisões sistemáticas entre os trabalhos incluídos, o que reflete a ainda limitada consolidação do tema na literatura. Além disso, a concentração de pesquisas em países desenvolvidos pode limitar a aplicabilidade dos resultados ao contexto brasileiro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta revisão integrativa evidenciou que os efeitos do doping cognitivo se concentram em melhorias subjetivas de atenção, vigília e desempenho, as quais não se sustentam de forma consistente quando avaliadas em termos de ganhos cognitivos objetivos. O uso não terapêutico de psicoestimulantes associa-se a desfechos mais robustos, como maior suscetibilidade a transtornos mentais, desenvolvimento de dependência e prejuízos na regulação emocional, e é frequentemente empregado como forma de automanejo diante de exigências acadêmicas e fatores estressores. Infere-se, assim, que os riscos tendem a se sobrepor aos benefícios percebidos, o que evidencia a importância de uma avaliação crítica dessa prática e da ampliação da produção científica que sustente abordagens mais seguras e embasadas nos contextos clínico e acadêmico.

Evidenciam-se lacunas que reforçam a necessidade de novas investigações, em especial estudos longitudinais sobre os efeitos a longo prazo do uso de psicoestimulantes, pesquisas com populações brasileiras e latino-americanas e estudos que explorem com mais profundidade as motivações para o uso não terapêutico e seus impactos sobre a saúde mental, o que pode contribuir para uma compreensão mais abrangente e contextualizada do fenômeno.

REFERÊNCIAS

ABELMAN, D. D. Mitigating risks of students use of study drugs through understanding motivations for use and applying harm reduction theory: a literature review. **Harm Reduction Journal**, v. 14, n. 1, art. 68, 2017.

CÂNDIDO, R. C. F. et al. Prevalência e fatores associados ao uso de metilfenidato para neuroaprimoramento farmacológico entre estudantes universitários. **Einstein (São Paulo)**, v. 18, art. eAO4745, 2020.

CHILDS, E.; BERSHAD, A. K.; DE WIT, H. Effects of d-amphetamine upon psychosocial stress responses. **Journal of Psychopharmacology**, v. 30, n. 7, p. 608-615, 2016.

COMPTON, W. M.; VOLKOW, N. D. Abuse of prescription drugs and the risk of addiction. **Drug and Alcohol Dependence**, v. 83, supl. 1, p. S4-S7, 2006.

D'ANGELO, L. S. C.; SAVULICH, G.; SAHAKIAN, B. J. Lifestyle use of drugs by healthy people for enhancing cognition, creativity, motivation and pleasure. **British Journal of Pharmacology**, v. 174, n. 19, p. 3257-3267, 2017.

DRAZDOWSKI, T. K. et al. Motivations for prescription drug misuse related to mental health problems in adults. **Substance Use & Misuse**, v. 57, n. 2, p. 316-327, 2022.

HASSUNUMA, R. M. et al. Revisão integrativa e redação de artigo científico: uma proposta metodológica em 10 passos. **Revista Multidisciplinar de Educação e Meio Ambiente**, v. 5, n. 3, p. 1-16, 2024.

KOGAN, S. M. et al. Mental health, academic engagement, and youths' nonmedical use of stimulants: a latent profile analysis. **Substance Use & Misuse**, v. 56, n. 4, p. 479-483, 2021.

LANGENECKER, S. A. et al. Anticipation of monetary reward in amygdala, insula, caudate are predictors of pleasure sensitivity to d-amphetamine administration. **Drug and Alcohol Dependence**, v. 206, art. 107721, 2020.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 17, n. 4, p. 758-764, 2008.

MINZENBERG, M. J. Pharmacotherapy for attention-deficit/hyperactivity disorder: from cells to circuits. **Neurotherapeutics**, v. 9, n. 3, p. 610-621, 2012. DOI: 10.1007/s13311-012-0128-7.

NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE. **Medical Subject Headings (MeSH)**. Bethesda: National Library of Medicine, 2026. Disponível em: https://meshb.nlm.nih.gov/. Acesso em: 22 mar. 2026.

SALAZAR, V. A. M. et al. Transtornos mentais relacionados ao uso de substâncias psicoativas. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 12, p. 1034-1047, 2024. DOI: 10.36557/2674-8169.2024v6n12p1034-1047.

SCHEPIS, T. S. et al. Differences in prescription stimulant misuse motives across adolescents and young adults in the United States. **The Journal of Clinical Psychiatry**, v. 81, n. 6, art. 20m13302, 2020.

TRONNIER, C. D. Harnessing attachment in addiction treatment: regulation theory and the self-medication hypothesis. **Journal of Social Work Practice in the Addictions**, v. 15, n. 3, p. 233-251, 2015.

XU, J. et al. Time-dependent affective disturbances in abstinent patients with methylphenidate use disorder. **BMC Psychiatry**, v. 22, n. 1, art. 564, 2022.